



SER VOLUNTÁRIO É SERVIR

Por: **José Souto Moura**

Vivemos hoje num mundo que se tornou perigosamente individualista e egocêntrico. Associada a esta mentalidade, está a preocupação constante de nunca se dar sem se receber, pelo menos o equivalente, e geralmente em dinheiro. Que lugar é que fica então para a gratuidade?

Olhamos à nossa volta, e deparamos com uma construção jurídica, cuja utilidade é indiscutível, que confere a todos a mesma dignidade, ou consagra a igualdade de todos perante a lei. Mas, ao mesmo tempo, somos confrontados com a humanidade real, de carne e osso, marcada pelas diferenças. Aquilo que cada um recebeu ou não recebeu, aquilo que cada um fez de si ou deixou que fizessem de si, criou um fosso entre os que têm e os que não têm, entre os que são e os que não são.

De alguma maneira o século vinte foi a história da pretensão de se criarem, autoritariamente, condições de igualdade real para todos, e das reacções que tal pretensão desencadeou. Como esse objectivo de igualdade colectiva não é suficiente, para que cada um possa dar um verdadeiro sentido à sua existência, daí, no fundo, o conhecido desfecho histórico que tudo isso teve.

Os regimes políticos democráticos escolhem a cidadania social que querem. Seja qual for a sua caracterização, sem a justiça promovida hoje pelo Estado não iremos muito longe. Mas com a solidariedade gratuita de cada um de nós poderemos e deveremos ir ainda mais longe.

Aliás, generosidade e partilha são bem um exercício acabado de liberdade. O dom de si, ou o dom das nossas coisas, revela que somos donos de nós próprios. E somos na verdade donos de nós próprios quando temos controle sobre os nossos afectos, podendo não estarmos reféns do que nos interessa só a nós. Então, poderemos agir conscientes duma liberdade ao serviço do bem, sem outra consequência pessoal que não seja a satisfação moral de ter feito bem.

Há uma indignação de contornos éticos face à realidade injusta, quando não escandalosa, dos que mais precisam e nos rodeiam. Há uma experiência dolorosa, para quem vê, do contraste entre o que se passa e o que achamos que podia acontecer. Em relação a muitos, essa é razão suficiente para uma opção pelos mais desfavorecidos. Ainda bem.

Mas algo se pode acrescentar.

Na nossa sociedade convivem ricos e pobres, fortes e fracos sob vários pontos de vista, sem que a respectiva condição possa ser, no fundamental, imputada aos próprios. E das duas uma. Ou se envereda pela aceitação da diferença como um dado irreversível da natureza, em que, além disso, não devemos mexer, ou entendemos que, no homem, natureza é também cultura. E isso faz mesmo toda a diferença.

Tarefa constante da cultura tem sido um combate com a natureza que nos rodeia, para a dominar, a qual passa também pela correcção das limitações, ou pela superação dos obstáculos, que impedem a melhor realização de todos e cada um. Ora, essa correcção e superação não podem ficar apenas a cargo de quem delas mais precisa, sob pena de um mais do que provável insucesso. Tem que ser tarefa de quem se disponibilizar a ajudar, e portanto servir. Por isso é que uma cultura humanista não pode esquecer a ajuda gratuita.

Para quem se reclama da fé cristã acresce naturalmente outra espécie de fundamento. O Deus dos cristãos é um Deus revelado definitivamente na pessoa de Cristo, e este nasceu pobre, viveu pobre, morreu pobre. A sua entrada no tempo histórico foi uma proposta de salvação, que não exclui ninguém que se não queira excluir. Mas trouxe também uma mensagem sobre o acolhimento dos mais desfavorecidos como nunca se vira antes. Por isso é que as “bem-aventuranças” são a coisa mais revolucionária alguma vez proposta.

É frequente ver nos cristãos uma solidariedade, pelo menos afectiva, para com os mais carecidos. Excelente, que essa solidariedade afectiva se transforme em serviço efectivo.
